

A PERSONALIDADE E O AMBIENTE

(contributo para o seu estudo)

CARLOS GRADIZ *

RESUMO

Não conhecemos trabalhos sobre a *Personologia* (psicologia da personalidade) *Ambiental* no nosso País. No entanto, queremos desde já destacar o esforço, no domínio da constituição do objecto de estudo da *Psicologia Ecológica*, fundamentalmente de SOCZKA (1980, 1985) e pontualmente de BARRACHO (1989, 1991).

As tradicionais definições de personalidade puseram sempre mais em evidência as dinâmicas interpessoais e intrapessoais, sendo excluídas dessas dinâmicas as questões ambientais. No entanto, a Personalidade Ambiental apresenta, como uma das suas características uma continuidade histórica com o clássico paradigma (desde Freud(1917), Jung(1947), Murray(1938) e Lewin(1936), até, Murphy(1947), Cattell(1946).

As pessoas como entidades complexas e multidimensionais desenvolvem individualmente e de forma diferente umas das outras,

estratégias e táticas únicas de orientação, operação e avaliação, para lidarem com as pressões ecológicas, quer as provindas do Ambiente Natural, do Ambiente Físico ou construído, quer do envolvimento social, empenhando respostas ou episódios comportamentais molares com o objectivo de conseguirem a adaptação ao meio Ambiente. Assim, dentro da teoria da personalidade foi construído um "construct" que considera que as diferenças de resposta, em termos de intensidade e qualidade, na procura do Ambiente traduzem não só as diferenças na sua percepção e respectiva avaliação, como ainda as acções realizadas nos contextos e "settings" ambientais.

No entanto, o Ambiente também promove comportamentos coercivos de acordo com o seu "patterning" dinâmico, fazendo com que muitas pessoas, apesar de serem diferentes umas das outras, possam actuar de forma semelhante em contextos semelhantes, (quando estamos num funeral nós comportamo-nos funeral).

As dificuldades nas questões de princípio também são extensíveis no plano metodológico. A personalidade Ambiental debate-se com problemas metodológicos para medir o

* Psicólogo do Centro de Saúde Mental de Beja

interface Personalidade/Ambiente por não existir ainda uma taxonomia ambiental credível e integrativa e uma taxonomia das disposições ambientais, apesar do esforço importante e singular de MCKECHNIE (1977) nessa direcção.

A Psicologia Ambiental vai-se constituindo com o tempo como uma psicologia não individual, mas sim dos grupos humanos e partirá, para o estudo da avaliação da Personalidade, das transacções com o ambiente, tentando identificar as competências e eficácias desenvolvidas, para depois, avançar para as medidas de personalidade predictoras dessas transacções (digamos que o estudo da boa pessoa ficará para o fim...).

Por sua vez, a complexidade dos "acts" naturais molares vai forçar as várias correntes psicológicas e disciplinas afins, a usar da interdisciplinaridade e da interdependência no esforço de aproximação ao ser humano e aos "behavior settings" com a convicção de que à medida que nos aproximamos deles, mais eles nos fugirão. Essa interdisciplinaridade permitirá uma "gestalt" comum e a constituição de programas, por sua vez, devolutivos à comunidade (o conhecimento não deve ser fonte de dominação mas sim de distribuição) de modo a que ela aprenda por si, a visar o seu bem-estar psicológico e objectivo.

A crise ecológica é de facto, uma crise de um comportamento mal adaptado, pelo que os problemas ambientais são prevalentemente problemas humanos e não problemas económicos políticos ou tecnológicos. No entanto, pouca importância é dada aos processos psicológicos e sociais que exprimem alguma relação com esses problemas, quando na verdade, é o relacionamento dos indivíduos e dos grupos com o Ambiente, o processo básico da sociedade e da experiência quotidiana (e não a economia, a política e a tecnologia).

Nós somos os lugares que habitamos e pretendemos por isso "o regresso a casa".

Beja, Março 92

I

DO MOLECULARISMO AO MOLARISMO

O aparecimento e desenvolvimento das ciências e das técnicas relacionam-se com as condições sociais, políticas, culturais e económicas que ocorrem numa determinada sociedade ou grupo de sociedades.

A crise ecológica generalizada provinda de um regime de desenvolvimento industrial determinado com consequências no gigantismo dos centros urbanos, na concentração de meios técnicos e de capitais, do crescimento exponencial das populações, no esgotamento acelerado dos recursos naturais não renováveis, na poluição ambiental que perturba o funcionamento dos ecossistemas, no desgaste dos solos aráveis, proporcionou um "pattern" contextual precipitante do desenvolvimento de novos campos de pesquisas e de intervenção.

Assim, é no contexto desta crise ecológica que surge nos E.U.A. e Canadá nos anos 60, o desenvolvimento de uma disciplina que é a psicologia ecológica.

O contexto do desenvolvimento científico da Psicologia até à década de 60 fundava-se no sistema behaviorista que assentava numa metodologia objectivista, (só os observáveis comportamentais são fonte válida de informação para o critério da validade científica) e experimentalista. Considerava-se o princípio de que "a única via para mudar a personalidade é a de mudar o meio de tal modo que se adquiram novos hábitos" (Watson, 1924 citado por O. FONTAINE, 1978, pg. 37).

Na perspectiva de SOCZKA (1980) este objectivismo watsoniano tinha como referência, o quadro teórico do evolucionismo darwiniano (que postula um continuum entre as espécies e o emprego do método de descrição sistemática), o conexionismo,

que postula a origem do conhecimento nas experiências sensoriais (empirismo) sendo as ideias mais complexas construídas a partir de associações de ideias mais simples provenientes das sensações referidas (não há raciocínio entre estímulo e respostas), o reflexogismo russo, cujo método assenta no experimentalismo objectivista e partia dos puros observáveis comportamentais para a formulação de leis que regem a aquisição/extinção das respostas condicionadas.

Há, por conseguinte, neste objectivismo de raiz watsoniana, uma recusa do "mentalismo" e uma adopção do ponto de vista empirista e associacionista e a aplicação do princípio da parcimónia, (nada de "constructs" ou inferências), a exigência de metodologias exactas e naturais. Como reflexo deste estilo de aproximação ao objecto do conhecimento, há também como já referimos, um determinismo do ambiente nos processos comportamentais e nas causas dos mesmos.

Contra o molecularismo do behaviorismo clássico e do associacionismo em que o objectivo das ciências do comportamento era pôr em evidência as leis que regem as relações imediatas causa-efeito nas condutas humanas, sendo todas as respostas determinadas pelas contingências do mundo externo, propôs-se como alternativa, a perspectiva ecológica que representava uma atitude miolar e integrativa do comportamento.

O ponto de partida para o corte epistemológico com o behaviorismo começa na Europa (Alemanha) com a teoria da gestalt. A ausência de explicação da teoria behaviorista para o fenómeno do movimento aparente independentemente da propriedade dos objectivos e da sua constância formal faz relevar a experiência vivida e o lugar do sujeito na Psicologia. A proposta gestaltista considera que as experiências perceptivas surgem como configurações molares (e não como mera soma de sensações isoladas). Por via disso, entram no domínio da Psicologia os campos de significação, o todo

dominando as partes. Surge assim a noção de campo psicológico definido como a representação subjectiva do real, por oposição ao campo físico, objecto específico das ciências da natureza.

II

DO NASCIMENTO DA PSICOLOGIA ECOLÓGICA (AMBIENTAL) À CONSTITUIÇÃO DO SEU OBJECTO CIENTÍFICO

Coube a Lewin a transposição dos princípios da gestalt para o campo da personalidade, dos comportamentos sociais e a proposta de uma ecologia psicológica.

O eixo do sistema de Lewin é o espaço de vida - o campo psicológico - definido como um conjunto de variáveis que influenciam o comportamento num dado tempo. Nesse espaço de vida está incluído o sub-sistema Pessoa, o sub-sistema Ambiente e a zona fronteira que separa as variáveis psicológicas das não psicológicas (é a zona que recebe a informação do mundo físico e social e que age sobre ele).

Acusado de encapsulação por não admitir as variáveis ambientais físicas e sociais no campo psicológico o modelo de LEWIN é alargado pelos seus discípulos mais brilhantes como Barker e Wright.

De facto, psicólogos como Cartwright (1959), Barker e Wright (1955), Barker (1968) citados por SOCZKA (1985) analisaram criticamente as posições lewinianas e incluíram no espaço de vida a zona fronteira do mundo físico e social e a envolvente (hull) exterior do espaço de vida.

Por conseguinte, para estes autores o que ocorre no espaço de vida é função do sistema global (Pessoa, Ambiente psicológi-

co, Mundo físico-social e a envolvente exterior do espaço de vida).

Para Barker, (1968) citado por SOZKA (1985), "the environment is seen to consist of highly structured, improbable arrangements of objects and events which coerce behavior in accordance with their own dynamic patterning..." (pg. 40). Por sua vez, na sequência dos seus estudos realizados com crianças para analisar a frustração, afirmou que "we found that we could predict some aspects of children's behavior more adequately from knowledge of the behavior characteristics of the drugstores, arithmetic classes and basketball games they inhabited than knowledge of the behavior tendencies of particular children" (pg. 40). Digamos que Barker procurou através do conceito e das conclusões do trabalho de campo, escapar ao perigo de encapsulação que atribuiu a Lewin.

Na metodologia do seu trabalho, Barker utilizou o método naturalista de observação muito próximo do utilizado pelos etólogos e esforçou-se por operacionalizar unidades que constituíssem "constructs" molares de acordo com as suas possibilidades e objectivos de investigação. Define então os episódios comportamentais como sendo "natural units of molar behavior with the attributes of constancy of direction, equal potency throughout their parts and limited size range" (citado por Soczka, 1985, pg. 42).

Surge assim a ecologia do comportamento cujo objectivo é identificar e descrever quer as unidades comportamentais enquanto "constructs" molares, quer os episódios comportamentais (também molares) e relacioná-los com os contextos ambientais ou cenários comportamentais ("behavior settings") definindo estes como "one or more standing patterns of behavior-and-milieu, with the milieu circumjacent and synomorphic to the behavior" do ponto de vista estrutural e, do ponto de vista dinâmico "the behavior-milieu parts of a behavior setting, the synomorphs, have a specified degree of interdependence with parts of other beha-

avior setting" (1).

Outros autores como Proshansky, ITTELSON e RIVLIN (1967) também citados por Soczka (1985) no prosseguimento da perspectiva de Barker para a definição do objecto do conhecimento da Psicologia Ambiental acabam por definir um conjunto de assumpções teóricas que ainda hoje são o suporte da perspectiva ambiental da Psicologia de que destacaremos apenas os seguintes: (Ver SOZKA, 1985, pg. 55 a 60)

- ❑ o comportamento humano, relativamente a um dado contexto físico é duradouro e consistente no tempo e de situação para situação; desta forma, podem ser identificados padrões característicos de comportamentos para esse contexto físico.
- ❑ o contexto físico que define e estrutura qualquer situação concreta não é um sistema fechado; as suas fronteiras não são fixas nem no tempo nem no espaço;
- ❑ o comportamento num dado contexto físico organiza-se dinamicamente;
- ❑ a mudança dos padrões comportamentais característicos de um dado contexto físico pode ser induzida pela mudança das estruturas físicas, sociais e administrativas que definem esse mesmo contexto;
- ❑ o ambiente é um processo activo e contínuo cujas componentes definem e são definidas pela natureza das interrelações entre elas num dado momento e ao longo do tempo;
- ❑ o ambiente é único num dado tempo e lugar.

Da definição de Lewin de que a "ecologia psicológica é o estudo das relações entre as variáveis psicológicas e as variá-

veis não psicológicas" (citado por FAUCHEUX, 1972, pg. 16) toma-se hoje uma concepção alargada do ambiente em que componentes físicas e não físicas se conjugam para a criação de um clima psicológico característico do contexto. Assim, o estudo das relações homem-ambiente, como objecto da Psicologia Ambiental não é com base numa dicotomia Homem/Ambiente, mas expressa-se sim, num sistema aberto global que integra as componentes físicas do contexto e as não físicas (culturais, organizacionais, etc.).

Para a definição de Psicologia Ambiental propomos a de Proshansky (1970) que a define como "o estudo do comportamento humano na relação com o meio ambiente ordenado e definido pelo homem" (Proshansky et al. 1970 citado por BARRACHO, 1991, pg. 244).

O ambiente face então ao que temos vindo a expor até aqui poderá ser operado de duas maneiras:

- ✕ como variável dependente, o ambiente é estudado para se avaliar os efeitos do comportamento humano sobre a sua qualidade;
- ✕ como variável independente o ambiente oferece-nos os seguintes tipos para efeitos de análise:

a) ambiente natural que é o ecossistema, que tem grande influência no comportamento humano;

b) ambiente construído, que na perspectiva de HALL (1966) citado por AIELLO (1987) apresentaria as seguintes características:

- ✕ fixas (ex: cidades, prédios, quartos, etc.);

- ✕ semi-fixas, isto é, objectos que podem ser deslocados, (móveis, cadeiras, etc.);

- ✕ ambientes com características variáveis (ex: luminosidade, temperatura)

c) ambiente social que inclui aspectos ligados ao espaço social, a territorialidade, a ecologia dos pequenos grupos. Esta totalidade é o resultado de uma "combinação de factores físicos, materiais e sociais" (Barracho, 1991), à qual o indivíduo atribui significação, através da sua vivência subjectiva.

Pensamos que a Psicologia Ecológica/Ambiental poderá contribuir para a construção de uma ciência unificada do Homem, o que também só será possível através da interdisciplinaridade das várias disciplinas científicas. Mas é claro que já estamos de momento a fugir dos objectivos deste trabalho.

III

ESTRATÉGIAS CONCEPTUAIS PARA A ORGANIZAÇÃO DE UMA PERSPECTIVA ECOLÓGICA AC-TUAL

Admitte-se ser um princípio na abordagem teórica da psicologia ambiental que a capacidade egóica coerente e consistente do sujeito, depende de um fluxo-dinâmico de estímulos sensoriais. A fome de estímulos por vezes convertida pela sublimação em fome de reconhecimento, domina o quotidiano das pessoas de hoje (reconhecimento do estatuto, reconhecimento da pessoa). À fome de estímulos e à fome social, associa-se a fome estrutural, que não é mais que a estrutura ou programação quotidiana das pessoas, visando a satisfação na vida (ter coisas, amar, realização pessoal) e a con-

quista da intimidade (que consiste no estabelecimento de laços interpessoais profundos).

Constitui o que acabamos de afirmar o esqueleto do modelo transaccional para os grupos humanos e cujo aspecto fundamental da sua pesquisa é *"its emphasis on the dynamic interplay between people and their everyday environmental setting, or 'contexts'"*. (STOKOLS, 1987, pg. 42).

Fundamentando-se neste ponto Stokols propõe estratégias conceptuais de organização teórica contextual. Assim, a perspectiva contextual ou ecológica para o mesmo autor assentaria em 4 hipóteses:

- ❑ que o fenómeno psicológico deve ser perspectivado na relação com o meio espacial, temporal e social onde ocorre;
- ❑ que o enfoque nas respostas individuais aos estímulos discretos e acontecimentos marcantes seria suplementado por análises mais molares e longitudinais das actividades quotidianas das pessoas e dos *"settings"*;
- ❑ que a pesquisa de relações legítimas e generalizadas entre ambientes e comportamentos deveria ser equilibrada também por uma sensibilidade e uma análise em relação à situação específica de um fenómeno psicológico;
- ❑ finalmente, o critério de uma validade ecológica externa deveria ser explicitamente considerada não só quando se esboçam os estudos dos comportamentos, mas também quando se avalia a aplicabilidade das pesquisas descobertas para o desenvolvimento das políticas sociais e intervenções comunitárias.

Os alvos dos contextos ambientais teriam como dimensões quantificáveis as situações definidas como actividades de grupo ou individuais que ocorrem num determinado tempo e lugar, actividades essas que representam os factores espaciais, temporais e socioculturais do alvo contextual de análise; os *"settings"* enquanto locais geográficos onde as situações interpessoais ocorrem; os *"life domains"* que compreendem os diferentes campos da vida de uma pessoa, como por exemplo a família, a educação, o emprego, etc.); e *"os overall life situations"* dos indivíduos como principais domínios da vida em que as pessoas estiveram envolvidas num período particular das suas vidas.

A perspectiva contextual é, na perspectiva de Stokols, um processo envolvendo duas fases básicas:

1) *"a contextual mapping phase" em que as variáveis-alvo comportamentais e ambientais são examinadas "within increasingly broad segments of the individual's (or group's) spacial, temporal, and cultural milieu"*.

2) *"a contextual specification phase", cujo objectivo é delimitar e definir, tanto quanto possível, o contexto efectivo do fenómeno alvo, em que o pesquisador tenta definir com base na fase exploratória inicial, as dimensões que são "most crucial for understanding the target phenomenon" (pg.60).*

No entanto o autor também admite que sob determinadas circunstâncias o contexto efectivo do fenómeno que se estuda pode ser comprovado devido à relativa estabilidade (ou instabilidade) da relação entre o alvo (as transacções) e as variáveis contextuais uma vez que as transacções pessoa-ambiente caracterizam-se por rápidos

índices de mudança. Remete-nos por isso o mesmo autor para a necessidade de se desenvolver as teorias transformacionais que analisariam as mudanças nas transacções pessoa-ambiente.

IV

A PSICOLOGIA AMBIENTAL PERSONOLÓGICA

A Psicologia Ambiental mais próxima de Barker e Wright, e que já abordamos em capítulo anterior, apresenta quatro grandes áreas:

a) A Psicologia Arquitectural ou urbanística cujo campo de pesquisa é o impacto psicológico das formas físicas construídas e as variáveis ligadas a estes "settings" (problemas de iluminação, térmica ambiental, etc.);

b) A Psicologia da Espacialidade, que se dedica aos fenómenos da territorialidade, à problemática da disposição espacial e da regulação dos comportamentos Intra e inter-específicos, entre outras questões;

c) A psicologia Ambiental Perceptivo-Cognitivo, com muitas áreas de pesquisa, das quais destacamos:

- ✎ mapas subjectivo-cognitivos dos esquemas espaciais dos ambientes e respectivos mapas comportamentais;
- ✎ vocabulário das populações urbanas.

Finalmente, surge o contributo da Psicologia da Personalidade (Psicologia personológica) através dos teóricos clássicos da

Personalidade e dos psicólogos clínicos e psicoterapeutas, mais centrados sobre as problemáticas individuais e, episodicamente, interindividuais.

No entanto, necessidades de ordem operacional levaram vários investigadores a ter em consideração o facto das variações interindividuais nas respostas aos ambientes e, a desenvolver no campo da orientação personológica, instrumentos de análise, que iremos aflorar mais adiante, virados para o estudo do Interface personalidade individual/respostas ao Ambiente.

Podemos actualmente considerar que a perspectiva personológica, iniciada com Craik, apresenta 3 características principais na sua aproximação, segundo LITTLE (1987):

1 - uma continuidade histórica com o clássico paradigma (desde Freud, Murray, Lewin, Murphy, Kelly, aos teóricos do traço, como Cattell e Eysenck) da avaliação da personalidade.

2 - delineamento de temas e questões em outras disciplinas que forneçam uma base conceptual para a produção de escalas ambientais relevantes para a avaliação da personalidade.

3 - linhas específicas de orientação para o desenvolvimento de medidas de disposições ambientais.

A) POR UMA OPERACIONALIDADE DO CONCEITO DE PERSONALIDADE NA PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA AMBIENTAL

Parece-nos que no fundo os problemas ambientais são prevalentemente pro-

blemas humanos e não meros problemas tecnológicos. Aliás consideramos com MALONEY e WARD (1973) citados por BORDEN e FRANCIS (1978) que "*the ecological crisis is a crisis of maladaptive behavior*" (pg. 191) e por isso esses problemas caem, com pleno direito, no domínio da Psicologia.

Efectivamente, os seres humanos não são seres culturais desprovidos de constituição biológica. A Cultura não é mais do que um instrumento do ser biológico incorporado no processo de adaptação ao ambiente.

Por sua vez, o ser humano como um organismo não é uma entidade isolada só com programas ao nível do comportamento, mas sim uma entidade em contínua interacção com o seu meio. Durante o processo histórico da evolução, a pressão ecológica levou os organismos mais aptos a afeiçoarem-se à lógica adaptativa, envolvendo naturalmente nessa lógica adaptativa a evolução do próprio comportamento que especializa e complexifica o comportamento inicial adaptando-o às novas e diversas funções. A espécie humana, além de possuir programas fechados, possui programas abertos resultantes da incorporação da informação adquirida no processo de adaptação ao ambiente através de um mecanismo genético que só a espécie humana possui: a capacidade de aprender.

Além disso, a existência de "mecanismos de diversidade biológica dentro de cada espécie" (HIERNAUX, 1980, pg. 46) permite-nos explicar a existência, no seio da mesma população de soluções adaptativas alternativas. Aliás Krebs, (1985) citado por VICENTE e SANTOS (1989) considera que "*a maior mudança nas técnicas de investigação ao longo da última década tem sido a ênfase crescente no comportamento individual em detrimento da classe de indivíduos*" (pg. 65). Confirma-se assim que as pessoas são entidades complexas e multidimensionais.

Este enunciado remete-nos para a importância dos factores da personalidade no envolvimento ambiental. ⁽²⁾

De facto há pessoas que aceitam com muito mais convicção os limites da velocidade, a aplicação das normas ambientais, sobre a conservação da natureza e assumem comportamento correspondente a essas convicções, que outras. Por conseguinte, a pesquisa da personalidade conclui por aqui que as pessoas assumem orientações, desencadeiam operações, (interacções determinadas) promovem avaliações diferenciadas (ALTMAN, 1976) em relação às questões e preferências ambientais, visando a realização dos seus objectivos e necessidades.

Transportando para a Psicologia alguns conceitos da Biologia, e no campo da psicologia ambiental, HOLAHAN (1978), quando se debruça sobre o "*coping*" ambiental dos indivíduos no momento em que lidam com as pressões ambientais, sublinha que esse "*coping*", além de constituir um processo humano activo e reflectir um alto nível de "*resourcefulness*" pessoal, é também caracterizado pelas diferenças individuais.

Este autor considera que as estratégias de "*coping*" ⁽³⁾ são realizadas individualmente, constituindo necessidades únicas, experiências e habilidades das pessoas envolvidas nesses processos de "*coping*". Mais adiante refere que "*different people evolve different and unique tactics in dealing with environment challenges, and that these strategies are suited to personal abilities and personal styles of action*" (pg.24). É o que ele designa de "*person-environment fit*", sendo este "*fit*" visto mais propriamente como uma dinâmica, administrada individualmente, em equilíbrio activamente mantido e que é alterado no momento em que as pessoas e as circunstâncias se alterem.

As tradicionais definições da personalidade ⁽⁴⁾ puseram sempre mais em evidência as dinâmicas interpessoais, sendo excluídas dessas dinâmicas as questões ambientais.

Mas Bew (1935) no seu ensaio de Ecologia Humana chamava a atenção para o facto de a personalidade constituir apenas um caso especial de um fenómeno muito mais universal (citado por CRAIK e MCKECHNIE, 1977, pg. 162).

No entanto, só passados quase trinta anos Maddi (1961) citado por WINKEL et al. (1969) sugeriu que a motivação para uma variação ambiental (*"the need for environmental variation"*, pg. 201) deveria constituir um *"construct"* dentro da teoria da personalidade, uma vez que os indivíduos mostram diferenças seguras na intensidade e na qualidade da procura do ambiente.

Por sua vez Sonnenfeld (1969), citado ainda por WINKEL et. al. (1969), de parceria com WHITE (1969) dá uma importante contribuição para a compreensão da personalidade ambiental, ao considerar que as diferenças na respostas à ambiguidade e complexidade ambiental traduzem não só as diferenças na percepção do ambiente e respectiva avaliação, como também as acções realizadas no que diz respeito ao mesmo ambiente.

Estas diferenças individuais na intensidade e na qualidade da procura do ambiente, que, por sua vez, traduzem as diferenças de percepção, de avaliação e de acção realizadas na relação com o ambiente e no olhar para si próprio, expressam-se através de episódios comportamentais propostos por Barker, que são unidades naturais de comportamento molar, com os atributos já referidos atrás.

1) *As disposições ambientais versus "personal disposition" e a constituição de uma concepção ecológica da personalidade.*

É dentro do campo galáctico Personalidade e Ambiente que pensamos abordar as disposições ambientais (*"environmental dispositions"*) que significam na perspectiva de CRAIK (1970, 1976) um fundador da Psicologia Personológica *"individual variations in fairly enduring styles of relating to everyday physical environment"* (CRAIK e MCKECHNIE, 1977, pg. 157). As disposições ambientais integram-se pois, na personalidade individual do ser humano, na sua *"personal disposition"* e são elementos que formam um sistema adaptativo e em desenvolvimento.

O conceito de *"personal disposition"* refere-se à tendência *"to act in certain ways e.g. to be self-accepting regarding oneself, submissive in relation to others, or manipulative and controlling in one's orientation toward the everyday physical environment"* (ibidem, pg. 160).

Este *"act"* (procedimento, conduta) proposto pelos autores significaria um estado sumário que define a tendência geral da conduta de um sujeito, para responder de determinada maneira a determinadas circunstâncias e em determinado período de tempo (princípio da contemporaneidade) e corresponde aos episódios comportamentais de Barker.

Pensamos que é importante no momento actual, e numa perspectiva holística, definirmos operacionalmente este *"em torno"* do ser humano que compreende o sistema da personalidade, o sistema social e o sistema ambiental, (sendo até agora, destes sistemas, o social e o ambiental os menos pesquisados) e constituirmos uma taxonomia ambiental, para sabermos como devemos operacionalizar a interacção pessoa x ambiente.

Por sua vez, pensamos também que é cada vez mais importante, se não quisermos cair num solipsismo, desenvolvermos uma concepção ecológica da personalidade.

De facto, a personalidade tem, segundo CRAIK e McKECHNIE (1977), fortes afinidades, do ponto de vista do estilo científico, com a botânica, a etologia, a biologia, (por exemplo a adaptação do ponto de vista do cognitivismo com as suas propriedades distintas - a assimilação e a acomodação). Além disso, há instrumentos conceptuais na personologia (ou psicologia da personalidade) que exprimem uma relação apropriada entre personalidade e outros campos científicos (de que por exemplo a noção de genotipo e fenotipo são disso uma prova). Finalmente os estudos dos indivíduos através das suas histórias da vida, permitiram identificar o desenvolvimento de tipos de personalidade agrupando pessoas que partilhavam características semelhantes de personalidade em alguns pontos, no curso da vida. Por conseguinte, estas pessoas traduziram, através dum "pattern", uma consistência das suas personalidades ao longo do tempo, o que nos permite inferir que há uma preditibilidade da personalidade ao longo do curso da vida (as pessoas que são por exemplo dominantes aos 20 mantêm essa dominância aos 40 anos.⁽⁵⁾ Muitas pessoas, apesar de serem diferentes entre si podem actuar de forma semelhante em contextos semelhantes. As tendências empíricas que foram estudadas e citadas pelos autores que acabámos de referir (pg. 164 e 165) sugerem-nos um processo de especiação ao nível do desenvolvimento individual que nos remete de facto, para a questão de que até que ponto o desenvolvimento dos tipos de personalidade não serão também o resultado de uma sequência comum dos ambientes de vida específicos, reflectindo conjuntamente os mecanismos de auto-selecção para situações e modalidades adaptativas do indivíduo?

Se pretendermos avançar na direcção de um modelo integrativo das disposições ambientais é importante, na perspectiva de LITTLE (1987), destacar dois tipos de investigação visando a clarificação do campo que cai no domínio dessas mesmas disposições. Primeiro, estudos taxonómicos devem ser empreendidos dentro do domínio das orientações ambientais. Concretizando,

importa saber que qualidade de orientação em termos de tipo de acção, assumem as pessoas em relação aos aspectos bem demarcados do ambiente e em relação aos contextos (ex: as pessoas têm tendência em ir ao encontro do ambiente ou então ao encontro de si mesmo, o exemplo é nosso). Segundo, devem-se realizar estudos para se saber até que ponto as disposições ambientais se sobrepõem ou não com os domínios do interpessoal ou do intrapessoal (se as pessoas desenvolvem prevalentemente disposições ambientais ou disposições interpessoais).

2) *A missão psicométrica da personologia ambiental.*

Os eco-psicólogos de orientação personológica desenvolveram novos instrumentos visando a pesquisa do interface personalidade/tipo de acção ambiental.

Se de facto há algumas dimensões da personalidade que referem o modo como as pessoas se relacionam consigo (ex: auto-estima) ou com outras pessoas (dominante, ou afiliativa) também deveria haver as que avaliassem as disposições ambientais, isto é, as atribuições de significação que os indivíduos dão às várias condições ambientais e quais os factores de personalidade nelas implicados. No fundo pretende-se saber quais as variâncias na interacção pessoa-situação.

No entanto, como já referimos atrás, é necessário desenvolvermos uma taxonomia ambiental, pois ela é uma componente importante do desenvolvimento de escalas de disposição ambiental (por exemplo uma primeira taxonomia poderia ser o ambiente constituído por duas componentes: corpos materiais e pessoas, o exemplo é nosso). Entretanto distinguiremos neste trabalho apenas duas medidas de disposição ambiental:

2.1 - Medidas usando uma dicotomia dentro-fora.

As características da personalidade também são preditoras discretas do conhecimento e do comportamento ambiental, pelo que, como refere ARBUTHNOT (1977) os programas de educação ambiental e respectivas acções devem levar em conta as necessidades e os interesses de vários grupos humanos (pg. 231). Por exemplo TRIGG et al. (1976) concluíram que as pessoas com "locus" controlo interno têm em geral uma melhor informação acerca da poluição ambiental e mostram maior empenhamento nas formas de acção social para a sua resolução, mas também maior pessimismo nos resultados dessas mesmas acções. (pg.309 e 312)

Distinguem-se quatro medidas de diferenças individuais na orientação para o ambiente:

- ✘ medidas de extroversão;
- ✘ locus de controlo;
- ✘ campo de dependência;
- ✘ self-monitoring;

Na perspectiva de Little os indivíduos extrovertidos e com "locus" de controlo externo põem o ambiente mais em risco devido à sua atitude mais agressiva em relação ao mesmo.

2.2 - O Environmental Response Inventory (ERI)

O ERI para McKECHNIE (1977) tem dois objectivos fundamentais. Um, é teórico. Representa uma aplicação sistemática dos princípios da avaliação da personalidade às

relações homem-ambiente com o objectivo de desenvolver um quadro de bases empíricas de disposições ambientais - conceitos globais que sintetizam diferenças importantes nos comportamentos e experiências que se encontram entre as pessoas nas transacções que realizam com o ambiente físico. O segundo objectivo do ERI, que visa essencialmente a sua aplicação, tem sido, fornecer um quadro de variáveis das diferenças individuais que poderiam ter um valor específico em contextos multivários de pesquisa e aplicação para profissões ambientais como, arquitectura, planeamento urbano, regional, geografia social, etc. (pg. 255 e 256).

O ERI consiste num teste com 184 itens, um likert de 5 pontos. As 184 perguntas enquadram-se em 8 sub-escalas, que por não existir nada em português sobre a matéria, resolvemos apresentá-las em inglês: (pg. 258-259)

- ✘ urbanism
- ✘ pastoralism
- ✘ environmental trust
- ✘ need for privacy
- ✘ environmental adaptation
- ✘ stimulus seeking
- ✘ antiquarianism
- ✘ mechanical orientation

B) O IMPACTO DO AMBIENTE NATURAL E FÍSICO QUOTIDIANO NO COMPORTAMENTO E NA PERSONALIDADE HUMANA

1) *Um esboço perspectivante. A influência da Natureza no comportamento humano:*

Os evolucionistas constatarem que o ser humano apesar de estar programado geneticamente para lidar com o ambiente natural, no fundo ele opera prevalentemente em mundos não naturais. Argumentam no entanto, que os "settings" não naturais possuem atributos semelhantes aos dos "settings" naturais (legibilidade - por oferecer informação que pode ser utilizada -, abrigo, etc).

No entanto há também quem considere que a preferência pelo ambiente natural é um comportamento aprendido. Por conseguinte o ambiente natural, como qualquer outro possui para as pessoas o valor correspondente às diferentes experiências de vida (por exemplo, as pessoas das camadas mais elevadas possuem um afecto positivo mais elevado pelos ambientes naturais). Ainda dentro desta perspectiva é de admitir que a orientação para o ambiente natural é uma correspondência dos registos culturais mantidos durante o tempo. Assim, para muitas pessoas o ambiente natural, ao qual as pessoas se devem submeter, é rude e poderoso; para outras ele é mais visto como um recurso que deve ser dominado e explorado; finalmente, os orientais vêem no ambiente um aliado com quem se pode viver em harmonia.

Independentemente de se determinar se a resposta ao ambiente é natural ou aprendida, ou ainda se é o resultado de ambos os processos, parece que o sentimento prevalente é o de que o Ambiente Natural é um recurso útil para as pessoas (mesmo os culturalistas não são insensíveis às suas virtudes...)

De qualquer modo vamos tentar, e recorrendo a KNOPF, (1987) representar os quatro valores significativos da Natureza para o comportamento humano (pg. 786 a 789).

1 - A Natureza como um reconstituente oferece ao homem repouso e possibilidades de reentrada num mundo competitivo;

2 - A Natureza como um criador de competência proporciona aos seres humanos facilidades para fortalecerem o sentido individual de controlo, competência e até, de auto-estima, na medida em que o Ambiente Natural é desprovido de "feedback" negativo, é manipulável, previsível e constitui ainda, um veículo para a expressão de auto-identidade (como veremos mais adiante) e para o reforço das nossas intervenções;

3 - A Natureza é um símbolo. De facto ela contém símbolos que certificam a Cultura e o self individual. Representa um "construct", isto é, uma produção da mente, (ex: a reserva natural do Gerês assume o significado de um símbolo do orgulho nacional e é para nós, uma afirmação da nossa Cultura e do nosso "self", o exemplo é nosso).

No entanto a natureza também emerge como um símbolo da própria Vida, da sua continuidade, da sua estabilidade e ainda como um símbolo do mistério e da espiritualidade:

4 - A Natureza oferece uma possibilidade de mudança no campo dos estímulos, pois, possui uma grande diversidade e a vontade de angariar informação no ser humano é preenchida pela necessidade de investigar.

Após estas considerações e ainda segundo Knopf nas formas de respostas à Natureza, as tendências cognitivas e perceptivas são determinadas de uma forma inata, ao passo que as tendências afectivas são determinadas pela experiência que se adquire ao longo do curso da vida.

Por aqui podemos com Knopf inferir que o modo como as pessoas respondem aos ambientes naturais depende dos seus próprios objectivos, das suas personalidades individuais e do seu reportório de experiências passadas.

2) O impacto do Ambiente físico quotidiano na personalidade humana.

Um dos principais expoentes da perspectiva interacionista da personalidade ambiental (LITTLE, 1987) analisa o impacto que o Ambiente Físico tem sobre a personalidade humana. Propõe-nos o autor, que esse impacto se manifesta em cinco áreas:

1 - A primeira área é referida como "Meaning". Quer o autor dizer que o meio físico pode contribuir para um sentido de coerência nos indivíduos, fornecendo-lhes um lugar de identidade ou de alienação. Decompondo o seu enunciado, o autor cita Csikszentmihai (1981) para argumentar a importância dos objectos domésticos no que ele designa "self-definition": Os objectos afectam o que a pessoa pode fazer, ou expandindo, ou restringindo o espaço de acção das pessoas e dos seus pensamentos. E porque o que a pessoa faz é, vincadamente, o que ela é, os objectos têm um efeito determinante no desenvolvimento do "self" (pg.221).

Segundo ainda Csikszentmihai os objectos domésticos mais estimados e queridos seriam, peças de mobiliário, artes visuais e fotografias.

Por sua vez, a idade tem o seu peso no sentido do lugar. Segundo BROWN (1987) o "attachement" das pessoas aos lugares, mormente aos territórios primários (as casas) aumenta à medida que a idade aumenta (pg. 523).

2 - A segunda área refere-se à estrutura ambiental. Esta, pela sua extensão e configuração restringiria e daria estrutura às nossas actividades quotidianas.

Para Milgram (1970) citado por LITTLE (1981) os humanos teriam uma capacidade limitada para processar informação e

os ambientes urbanos fornecem-na em excesso. Para combater esta sobrecarga estrutural, as pessoas criam um quadro de respostas adaptativas, incluindo redução da qualidade e quantidade de interacções e estabelecendo hierarquias preferenciais nas escolhas delas. Para Glass e Singer (1972), também citados pelo autor, que acompanhamos os "stresses" nocivos como os barulhos elevados podem ter efeitos nocivos no comportamento pós-adaptação se os indivíduos não tiverem a percepção e o controlo acima do ambiente "stressante".

Outro autor citado por Little é Antonovski (1979). Este autor considera que um dos factores-chave para a saúde e bem-estar psicológico humano é um bom "sentido de coerência" definido como uma orientação global que "expresses the extent to which one has a pervasive, enduring though dynamic feeling of confidence that one's internal and external environments are predictable and that there is a high probability that things will work out as well as can be reasonably expected". (pg.223)

Também S. KAPLAN (1983) nos sugere que devemos estruturar um ambiente suportável e reconstituente. Para Kaplan um ambiente suportável é elevado em informação disponível e em legibilidade, isto é, cria um sentido de participação.

Tanto Kaplan como Antonovsky mudaram as nossas referências no que diz respeito à estrutura do ambiente, pois em alternativa à sobrecarga estrutural e à necessidade de controle, propõem um sentido de compatibilidade e de coerência ambiental (isto é, não temos as coisas sob controlo mas as coisas estão sim sob controlo o exemplo é nosso).

3 - A terceira área proposta por Little diz respeito à amplitude com que o ambiente cria e sustenta o sentido de comunidade e o impacto que isso tem na saúde e no bem-estar.

A ausência do sentido de comunidade e de significação parecem estar envolvidos na origem da alienação.

Num estudo sobre a interdependência entre a personalidade e o sentido de comunidade Little destaca Alexander (1967). Segundo este autor o efeito mais extensivo da urbanização industrializada tem sido o isolamento social dos indivíduos e a concomitante desorganização.

Para Alexander um indivíduo só pode ser saudável "quando a sua vida contém três ou quatro contactos íntimos" (pg. 224). Estudos mais recentes salientam o papel das redes de suporte social na manutenção da saúde física e social e na relação com as estruturas ambientais que promovem este suporte. No entanto parece que não é suficiente haver recursos sociais eficazes ou contextos físicos suportáveis, mas que é a percepção da sua utilidade que parece promover o bem-estar, assim como os factores da personalidade mais decisivos na sua avaliação, e a estrutura económica e política da sociedade.

4 e 5 - O "stress" e a competência como efeitos ambientais na personalidade.

Campbell (1983) citado ainda por Little distingue entre os conceitos de stressores agudos, os aborrecimentos diários e os stressores ambientais. Estes últimos foram descritos como sendo crónicos, "valorizados negativamente, discerníveis fisicamente e intratáveis perante os esforços individuais em os modificar." (pg. 225)

Outra área destacada por Little é a da competência, que já aflorámos quando abordámos a perspectiva de Knopf sobre a influência do ambiente no comportamento. Há estudos que abordam a amplitude da capacidade do ambiente para inculcar a manutenção e o suporte de sentimentos de eficácia pessoal. Por exemplo admite-se que o ruído ambiental pode bloquear a aquisição de níveis de interacção básicos neces-

sários, quer para a competência académica, quer para a competência social.

Passando em revista as áreas em que o ambiente tem o seu impacto na personalidade, parece-nos que a personalidade ocupa um papel moderador em relação aos efeitos ambientais. No entanto, como Little reconhece, os estudos sobre o ambiente físico e a personalidade estão relativamente "pouco desenvolvidos" (pg. 226).

V

PROSPECTIVAS

O campo da personologia ambiental vai avançar nos próximos anos na focagem dos "acts" naturais de nível molar e, os temas respeitantes à personalidade e à psicologia ambiental ficarão integrados neles. Nesta perspectiva McClelland (1981), citado ainda por Little (1987), consegue representar as mudanças verificadas em relação aos métodos tradicionais de avaliação da personalidade. De facto, este autor diz que enquanto a teoria tradicional da personalidade parla da pessoa para relacionar a sua personalidade com as transações que efectuava com o ambiente, nós hoje teríamos que iniciar o caminho para a avaliação da personalidade por um processo inverso: "let us reverse the process, start with the transactions with the environment, try to identify the competencies involved and work backwards to the personality measures that will predict them" (pg. 233).

Serão estas transacções que as identificaremos como "natural acts" que promoverão a ligação das diferenças individuais às diferenças ambientais.

Por sua vez o estudo de casos individuais permite-nos saber não só como os indivíduos vivem no seu dia a dia, mas sa-

liantar também as transações típicas efectuadas, tradutoras dos seus projectos pessoais na vida e dos seus objectivos.

Finalmente pode-se dar o caso de estarmos em vésperas de uma nova revolução epistemológica em alternativa à Revolução cognitiva e à Revolução contextual, verificadas nos anos 60 na sequência da primeira tomada de consciência face à crise ecológica. Seria então uma revolução que integraria na conduta humana os aspectos cognitivos, efectivos, comportamentais e contextuais.

Pensamos que Mac Intyre (1981) nos sugere um caminho dentro da perspectiva da personologia ambiental para uma teoria viável da actividade humana nos seus contextos pessoais e ambientais ao referir que *"we cannot... characterise behaviour independently of intentions, and we cannot characterise intentions independently of the settings which make those intentions intelligible both to agents themselves and to others"* (citado por Little, 1987, pg. 234).

Seria o caminho para a Revolução "conative" em que essa psicologia "conative" tentaria dar conta da génese dos "acts" naturais, das acções e das actividades dos indivíduos.

Mas esse dar conta dos "acts" naturais implicaria que as mais variadas correntes psicológicas e outras disciplinas afins fossem capazes de os focar, através de um processo comum de análise que fortalecesse a interdisciplinaridade e a interdependência. Esse processo comum de análise passaria pelo conceito de "behavior setting" essencial para a compreensão da dinâmica da relação pessoa-ambiente e pelos seguintes princípios chave propostos por Wapner (1981) citado por ALTMAN e ROGOFF (1987):

1 - A pessoa-no-ambiente é a unidade a ser analisada;

2 - O sistema pessoa-no-ambiente opera num equilíbrio dinâmico dirigido para curtos e longos objectivos;

3 - Perturbação numa parte do sistema pessoa-no-ambiente afecta outras partes no sistema transaccional como um todo."

Não há que temer essa interdisciplinaridade nem a interdependência na abordagem da unidade pessoa-no-ambiente, uma vez que o conhecimento humano tem três intenções muito simples na representação de Habermas (1971) citado por SAE-GERT (1987): 1) controlar e prognosticar, 2) comunicar, 3) libertar o ser humano do isolamento e do constrangimento, (pg.110). Essa interdisciplinaridade permitirá aos diversos campos da psicologia e ciências afins uma "gestalt" comum perante o processo de adaptação do ser humano ao ambiente e uma devolução das suas conclusões e programas à comunidade visando seu bem estar psicológico e objectivo. À medida que o saber científico e técnico invadirem o quotidiano do homem comum mais possibilidades ele terá de se adaptar ao ambiente, pois, no fundo, não somos senão, os lugares que habitamos.

VI

CONCLUSÃO

Apesar de as pessoas, enquanto unidade de análise serem, como já referimos, extraordinariamente complexas e, ao mesmo tempo multidimensionais, tendem a comportar-se de forma semelhante em meios semelhantes, pois os ambientes exercem um efeito coercivo sobre os comportamentos dos indivíduos. Do mesmo modo, a diversidade biológica humana assume tam-

bém uma unidade no processo de adaptação ao meio ambiente.

Por conseguinte, podemos inferir que a crise ecológica é resultante da crise de adaptação da espécie humana em relação ao ambiente, como já o afirmámos.

Passados mais de 20 anos sobre o alerta lançado pelo clube de Roma, para os problemas ecológicos derivados de um modo de relação do homem com o ambiente, HOCHLEITNER (1991) presidente do mesmo clube afirma que *"o Mundo está numa situação pior que há 20 anos, uma vez que a raça humana, apostada em alcançar o lucro à custa da exploração da Natureza e a uma velocidade estonteante, está a destruir o planeta e a destruir-se a si próprio"* concluindo que *"na sua forma actual de exercício a democracia não é a melhor maneira de resolver os problemas com que nos deparamos"*, (D.N.supl. 23/9/91).

Parece de facto que as grandes teorias políticas e económicas, que levaram a este processo de adaptação do ser humano ao ambiente, perderam de vez a credibilidade. Conforme refere o novo relatório *"a complexidade e a natureza técnica dos problemas, não permitirão aos eleitos pelo povo tomar a decisão certa, no tempo certo"* pois as suas actividades e planos visam objectivos a curto prazo, que apenas constituem remendos à política do meio ambiente. Conclui o mesmo relatório que *"no mundo que está a surgir na actualidade, o poder de decisão já não pode ser monopólio dos governos e dos seus ministérios que, situados nas cúpulas, estão a trabalhar no vácuo"*.

O grau de complexidade dos problemas, exige que haja descentralização de competências, que deverão ser assumidas pela comunidade. Esta, através de um arranjo de mútuas dependências entre as unidades do sistema social, deve operar em unidade para manter viável o relacionamento com o ambiente, já que o Poder actual, não tem já capacidade para coordenar a produ-

ção do sustento e controlar o Ambiente, por estar desproporcionalmente centrado na função chave em detrimento das funções ordenadas em arranjos laterais.

Neste momento já não se verifica a homeostase no funcionamento do processo de relação População-Ambiente. As desigualdades económicas e sociais entre países e povos, tendem a aumentar se não for desenvolvida uma estrutura institucional que se apresente como alternativa às estruturas actuais que desenvolveram dependência ruinosas. Há necessidade de uma política supracional que vincule as diversas sociedades e organizações a lidarem com os problemas de adaptação ao ambiente, respeitando evidentemente a individualidade e a especificidade da adaptação dos grupos humanos, assim como o seu grau de consciência perante os problemas ambientais.

Por outro lado, a noção de que o ambiente biofísico é finito, deve levar-nos como refere HAWLEY (1986), a inventariarmos os nossos recursos, modelando constantemente e de acordo com os avanços tecnológicos, as suposições do progresso humano e a diminuir os custos de produtividade por unidade de produto além de retirar a competitividade ao processo de utilização dos recursos que são comuns aos grupos humanos. Além disso, a mobilidade tecnológica deve intensificar-se de modo a não aumentar a dependência económica de umas sociedades em relação a outras.

A adaptação humana é, como ainda é referido por HAWLEY (1986), mais um processo colectivo que individual (pg.126) e as políticas sociais de sucesso são as que relacionam os factores estruturais com os princípios da ecologia humana. É a sociedade que deve constituir-se como *"líder intelectual da espécie humana"* (pg. 15) conforme salienta STRAUS (1988) numa fase em que ela está a atravessar a linha dividida que separa uma era fortemente produtora de especializações do passado e uma nova era que nos permita o regresso "a casa".

NOTAS

(1) "behavior setting" como confluência das acções na relação com os lugares e as coisas é definido por Wicker (1979) citado por SAEGERT (1987) como "a bounded, self-regulated and ordered system composed of replaceable human and non-human components that interact in a synchronized fashion to carry out an ordered sequence of events called the setting program" (pg.29).

(2) A problemática da personalidade remete-nos para o outro campo galáctico que é o da relação corpo-espírito ("mind").

Rejeitamos o dualismo linguístico subjacente a estas duas entidades, assim como o conceito de que a realidade humana é "neutra", e adoptamos o conceito ou o modelo de dual aspecto monístico, mas em que os aspectos do comportamento humano simbolicamente mediatizados desafiarão o reducionismo biologista.

De facto existe no ser humano uma dimensão simbólica com enquadramento cognitivo-conativo ("conative")-afectivo, com a qual governamos as nossas vidas, conforme refere WALLACE (1988). Essa dimensão que é a mente ("mind"), é para Wallace um construct "uma referência que estrutura e organiza a actividade significativa" (pg.9), que persistiu ao longo do processo da selecção natural.

É evidente, que há mecanismos fisiológicos e inconscientes que acompanham simultaneamente a actividade simbólica do ser humano e que são condições necessárias para o seu funcionamento mental. Digamos que o afecto, a personalidade, são constructs que se situam nos limites entre o psicológico e o biológico e fazem parte da

mente ("mind"). Conforme Popper e Eccle (1981) afirmam "...mind itself engages in mutually causative interactions with these organismic suborganization and with the environment" (citado por Wallace, 1988, pg. 11).

A Psicologia e a Biologia no fundo partilham da mesma unidade de estudo - o ser humano como organismo na interacção com o meio. A nossa mente apesar de não existir independentemente da matéria e da energia, assume no entanto, propriedades diferentes ao nível de organização, da matéria e da energia.

(3) O modo como as pessoas percebem o controlo que podem exercer sobre os acontecimentos (o controlo significa que as coisas estão sob controlo e não a situação de se terem as coisas sob controlo - o nosso conceito de controlo significa coerência - o entre parêntesis é nosso) e ambientes é variável. As diferenças individuais incidem basicamente no tipo de focagem que os indivíduos promovem no que diz respeito ao local de controlo: em si próprios (locus de controlo interno) ou nos acontecimentos e ambientes (locus controlo externo).

As pessoas com locus controlo interno apercebem-se que determinados acontecimentos ou ambientes são contingentes com o seu modo de lidar com eles ou com as suas características pessoais, que são estáveis por muito mais tempo, que nas pessoas com locus controlo externo.

(4) A Personalidade é definida classicamente por R. Møllli (1965) como "a totalidade psicológica que caracteriza um homem particular" (MEILI, 1965, pg. 162).

(5) Como McCRAE e COSTA (1990) salientam "imaginem o caos que poderá resultar se a personalidade não fosse estável!" (pg.106).

BIBLIOGRAFIA

AIELLO, J. R. (1987) - "Human Spatial Behavior" - in Handbook of Environmental Psychology, **ALTMAN, I & STOKOLS, D., (1987)**, Pub, John Wiley & Sons, N.York (1987).

ALTMAN, I. (1976) - *Environmental Psychology and social Psychology - Personality and Social Psychology Bulletin*, 1976, 2, 96-113.

ALTMAN, I. e ROGOFF, B.; "World views" in Psychology: trait, interactional, organismic, and transactional perspectives, Handbook of Environmental Psychology, **STOKOLS, D. & ALTMAN, I. (ed)**; Publ. John Wiley & sons, N.York (1987), pg. 7-40).

ARBUTHNOT, J. (1975); "The roles of attitudinal and personality variables" in the prediction of environmental behavior and knowledge, Environment and behavior, Vol 9, nº22, Jun. 1977, 217-232.

BARRACHO, C. (1991); *Reflexões sobre a Psicologia do Meio Ambiente; Análise Psicológica*, nº2 série IX (1991) pg. 243-249.

BORDEN, J. e FRANCIS, J.L. (1976); "Who cares about ecology?: Personality and sex differences in environmental concern", Journal of Personality, 46,(1), 1978, pg. 190-203.

BROWN, B.B. (1987); *The territoriality-Handbook of Environmental Psychology*; **STOKOLS, D. & ALTMAN, I. (ed)**, Pub. John Wiley & sons, N. York (1987).

CRAIK, K. H.; e McKECHNIE E. (1977); "Personality and Environment", in Environment and Behavior, Vol. 9, nº2, Jun (1977) pg. 155-168.

FAUCHEUX, C. (1972); *Introduction, LEWINK Psychologie dynamique*; K., ed. P.U.F., Paris (1972).

FONTAINE, G. (1978); *Introdução às terapias comportamentais*, Ed. Verbo, Lisboa (1987).

HAWLEY, A.H. (1986); *Human Ecology*, University Chicago Press (1986).

HIERNAUX, J. (1980); *A Diversidade Biológica Humana*, Ed. Fund. C. Gulbenkian, Lisboa (1988).

HOLAHAN, C. J. (1978); *Environment and Behavior*, Plenum Press, N.York(1978).

KNOPF, R.C.(1987); "Human Behavior, cognition and affect" in the Natural Environment. Handbook of Environment Psychology, **STOKOLS, D. & ALTMAN (ed.)**, Pub. John Wiley & sons, N.York (1987, pg. 793-825.

LITTLE, B.(1987); *Personality and Environment, Handbook of Environment Psychology*, **STOKOLS, D. & ALTMAN I. (ed.)**, Pub.John Wiley & sons, N.York (1987), pg. 205-244.

McCRAE, R. COSTA P. (1990); "Personality" in *Adulthood* - Ed Guilford Press N.Y. 1990.

McKECHNIE, B.E. (1977); "The Environmental Response Inventory" Application, in Environment and Behavior. Vol.9, nº2, Jun. 1977, pg.255-276.

MEILI, R.(1965); *A estrutura da Personalidade, Tratado da Psicologia Experimental*, **FRAISSE, P. e GIAGET, J.**; Ed. Forense, Vol.5, Rio de Janeiro (1969).

SAEGERT, B.(1987); *Environmental Psychology and social change*, Handbook of Environment Psychology, **STOKOLS, D. & ALTMAN, I.(ed.)**, Publ. John Wiley & sons, N.York (1987), pg. 99-128.

SOCZKA, L.(1980); *A perspectiva ecológica em Psicologia*, Psicologia, Vol.1, nº1, Jul.1980, pg.11-36.

SOCZKA, L.(1985); *A perspectiva ecológica em Psicologia*, Contribuição para o estudo da ecologia social de um bairro de lata, Ed. LNEC, Lisboa, 1986.

STOKOLS, D.(1987); *Conceptual strategies of environmental Psychology*, Handbook of Environmental Psychology; **STOKOLS, D. & ALTMAN, I.(ed.)**, Publ. John Wiley & sons, N.York (1987), pg.41-70.

STRAUS, D.(1988); *Human Ecology: the speciality of generalizing*, Human Ecology (steps to the future) Ed. **PRATT J. e TOUNG G.L.**; Publ. by Society for Human Ecology, Sonoma, 1988.

TRIGG, L.J. et al(1976); *Anti-Pollution Behavior, a function of perceived outcome and focus of control*, Environment and Behavior, Vol.8, nº2, Jun.1976, pg.307-312.

VICENTE, L.A. e SANTOS, R.S.(1989); *Sobre a questão das estratégias alternativas em Biologia*, Análise Psicológica, nº1,2,3, série VII, a991, pg.63-70.

WALLACE, R.E.(1988); "Mind-Body (monistic dual aspect Interaccionism)", The Journal of Nervous and Mental Disease, Vol.176, nº1(1988).

WINKEL, G.H. et alg(1969); The role of personality differences in judgements of roadside quality, Environment and behavior, Vol.1, Dec.1969, pg.199-223.

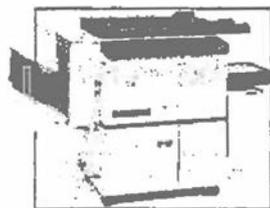
UMA RELAÇÃO DE CONFLANÇA

Você

e



Garantia de um negócio seguro



Nashua



CASIO



International

ESTAMOS ONDE FOR PRECISO

Largo dos Mercadores, 2 - Telef. (086) 27243 - Fax 27243 - 7000 ÉVORA

SOTTO-JOVEM

**PASSAMOS-TE CARTÃO!
DAMOS-TE CRÉDITO!**

Agora, podes abrir a primeira conta do resto da tua vida - a Conta Sotto-Jovem. A Conta Sotto-Jovem dá-te cartão para movimentares com liberdade o teu dinheiro. Oferece-te elevadas taxas de juro e concede-te crédito para os teus projectos - tirar carta de condução, por exemplo.

Contacta qualquer balcão do Banco Pinto & Sotto Mayor e perceberás que não há conta como a primeira.

SOTTO MAYOR
Jovem

VISA

BANCO PINTO & SOTTO MAYOR
Mayor entre os Maiores